

LEITURA CRÍTICA DO PARNASIANISMO BRASILEIRO NOS LIVROS ESCOLARES

Filipe Freitas de Mello e Silva (UERJ)

filipefreitas16@gmail.com

No sistema de ensino brasileiro, os livros didáticos ocupam uma posição privilegiada. Eles tangenciam os processos de ensino-aprendizado a todo momento. Grande parte disso se deve à nova configuração que lhes foi dada, a partir da reforma de ensino iniciada na década de 1970. Conforme William Roberto Cereja, conhecido autor de manuais escolares de língua portuguesa e literatura, “até então, [...] eram as obras de referência, constituídas numa gramática, uma antologia de textos literários e, eventualmente, um dicionário” (2005, p. 57).

Ainda de acordo com Cereja (2005, p. 58-59), a mudança pelas quais os livros escolares passaram estão relacionadas também com a mudança do perfil do professor. Em virtude da ampliação do ensino e consequentemente do quadro docente, houve um afrouxamento nos critérios de seleção, subprofissionalizando a ocupação. Visando a auxiliar os trabalhos desses novos professores, sobrecarregados e despreparados, os livros didáticos passaram a reunir num único volume conteúdos relativos à gramática, produção textual e literatura, tornando-se a principal referência crítica e teórica dos professores – senão a única.

Para o aluno, o papel centralizador do livro didático é ainda mais intenso. Ele é o iniciador da prática de leitura e, não poucas vezes, o único contato que muitos alunos têm com um livro no seu dia-a-dia. Assim, é através dele que o aluno é apresentado ao universo literário. Reconhecendo o fracasso da escola em formar leitores críticos, esses livros são lidos como verdades absolutas. É inegável, portanto, a atuação do livro didático como formador de opinião¹.

¹ Apesar de outros agentes atuarem como formadores de opinião dos alunos e dos professores, e do fato da leitura do livro didático como verdade absoluta ser uma questão muito mais

Conscientes da relevância do livro didático para as salas de aula, seus autores deveriam optar por um discurso que prezasse a imparcialidade. Deveriam, mas não o fazem. Uma leitura criteriosa revela que nos capítulos destinados ao ensino de literatura o discurso desses autores mostra-se enviesado. E essa postura enviesada pretere o Parnasianismo, que deixa de receber o tratamento ilustre dado a outras escolas literárias.

Fernando Dias Pita (2003) defende que esse tratamento pejorativo da estética parnasiana pelos livros didáticos faz parte de um círculo vicioso que se iniciou com o movimento modernista. Desde então,

[...] a, a crítica literária pouco se dedica ao tema; fazendo-o, revela (quase sempre) pouca profundidade em suas análises; b), em decorrência, os autores de livros didáticos reproduzem o desinteresse acadêmico e o preconceito modernista, gerando um público discente que olha para o Parnasianismo já conformado pelo discurso dos modernistas. Desse modo, ativa-se um círculo vicioso em que parte da trajetória literária brasileira é destinada ao esquecimento. Esquecimento danoso, porque comprometedor da amplitude reflexiva sobre o processo literário nacional. (PITA, 2003, p. 87-88).

O Parnasianismo fez parte de um grupo de manifestações literárias comuns ao período compreendido como *Belle Époque*, na segunda metade do século XIX. Este século foi muito profícuo intelectualmente, tendo sido palco de inúmeras manifestações literárias, filosóficas, políticas e sociais, muitas delas contraditórias entre si, inclusive. O segundo quinquênio é descrito por Afrânio Coutinho como “uma época cultural da maior relevância no Brasil” (1995, p. 181) e “exerceu tal influência no Brasil (...) que ainda hoje se faz notar em muitos espíritos” (*Ibidem*). A Academia Brasileira de Letras, por exemplo, foi fundada neste período, e teve dentre seus envolvidos vários expoentes da estética parnasiana.

Logo, um movimento com a devida importância merece um tratamento melhor. Contudo, contaminadas pelo discurso modernista, elas apresentam uma leitura rasa desta estética. Os elogios aos poetas desta escola resumem-se a obras, digamos, híbridas, haja vista o entrecruzamento das estéticas do período, que surgiam sobrepostas

densa e que envolve diretamente diversos fatores, estas são questões que não fazem parte das reflexões pretendidas neste trabalho.

umas às outras. Estabelecer diálogos com estéticas anteriores ou posteriores é benéfico e deve ser incentivado. Mas não é apropriado ensinar um movimento tomando como norte os parâmetros do movimento de ruptura.

De influência francesa, o Parnasianismo brasileiro conheceu o êxito que foi negado a sua matriz europeia. A produção poética deste período foi marcada pela busca da perfeição formal, em oposição ao desapareço romântico à questão. O poeta é um artífice e a poesia é fruto do trabalho de elaboração da linguagem, em oposição ao gênio dos românticos. É ainda, a poesia, uma arte sobre a arte, influenciados pela *l'art pour l'art* de Theophile Gautier. Distancia-se de temas sociais ou nacionais, preferindo os temas universais e retomando (e cultuando) o conceito do belo e os elementos da cultura clássica greco-romana. O tom aristocratizante e o distanciamento linguístico, que tanto preocupam e afastam leitores nos dias de hoje, garantiram a popularidade de seus principais expoentes: Alberto de Oliveira, O-lavo Bilac e Raimundo Correia.

“A literatura não passa de uma luta entre fracos e fortes.” disse o crítico literário norte-americano Harold Bloom. E a força do Modernismo teve sucesso na erradicação dos parâmetros parnasianos. A crítica literária atual reitera o preconceito da estética de 22, perpetuando a sua força há sete décadas. Artificiais, esnobes, superficiais (BARROS, 2009, p. 24) ou dotados de falsa profundidade, alienados (AMARAL, 2003, p. 195), verbosos e ociosos foram algumas das alcunhas recebidas pelos poetas da *Belle Époque*. Há ainda a célebre frase de Oswald de Andrade (*apud* CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 233), que ironiza: “Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.”

Os livros didáticos reprisam em parte o discurso modernista e o da crítica literária. As duas obras escolhidas² para cotejo neste trabalho são os seguintes: *Novas palavras: português*, volume único, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite, e Severino Antônio; e *Português: linguagens*, volume 2, de William Roberto Cereja e The-reza Cochar Magalhães. Ambos foram utilizados – ou ainda são – em

² O critério para seleção dos livros didáticos cotejados foi apenas o de acessibilidade para o autor deste artigo. Ambas foram edições do aluno.

escolas públicas³. A assunção se faz em virtude de ambos fazerem parte do catálogo do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio 2009 (PNLEM), garantindo-lhes ampla circulação. Este catálogo traz em seu bojo resenhas dos livros recomendados e o seu exame revelou dados importantes.

Português: linguagens abre a seção de resenhas do documento, que é dividida em quatro partes: síntese avaliativa; sumário da obra; análise da obra; e recomendações ao professor. No decorrer da resenha, duas características relacionadas à abordagem dada à literatura no livro de Cereja & Magalhães merecem destaque. A primeira é sobre a seção *Fique ligado! Pesquise!*, que

[...] sugere livros, filmes, *sites*, visitas, com o intuito não só de relacionar o momento literário em foco e seu contexto cultural, mas também de ampliar o conhecimento da produção cultural contemporânea e desenvolver a sensibilidade e a capacidade crítica do aluno. (BRASIL, 2008, p. 30).

A obra ainda manifesta

[...] preocupação em formar um aluno-cidadão, capaz de se posicionar de modo crítico e atuante em diferentes práticas sociais. Para atingir esse objetivo, desenvolvem-se competências linguísticas a partir da problematização dos conteúdos e das situações de aprendizagem oferecidas, evitando-se exercícios repetitivos e mecânicos e privilegiando a reflexão e a sensibilidade. (*Idem*, p. 24).

A seção ressaltada aparece no início de cada unidade. A unidade 3 – “História social do Realismo, do Naturalismo e do Parnasianismo” – destina dois capítulos para a estética parnasiana. Sua seção *Fique ligado! Pesquise!* apresenta uma lista considerável, é verdade, mas nenhuma das sugestões tem o Parnasianismo como motivo, exceto dois dos livros sugeridos: *Antologia de poesia brasileira – Realismo e Parnasianismo*, da editora Ática, sem autor definido; e *O xangô de Baker Street*, de Jô Soares, cuja trama se passa no século XIX e menciona personalidades históricas do período, como Olavo Bilac, Dom Pedro II, entre outros. Os *sites* apresentados – cujos endereços encontram-se desatualizados – referem-se à literatura em ge-

³ Tomou-se por referência o Colégio Estadual Sérvulo Mello, locado em Silva Jardim, município do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Novas palavras: português* foi utilizado no período de 2006 a 2008, enquanto *Português: linguagens* foi adotado a partir de 2009. Se utilizado ou não em escolas públicas não constituiu critério para seleção dos livros.

ral e não apenas às escolas literárias e repetem o mesmo preconceito citado⁴. Desta forma, desenvolve-se “a sensibilidade e a capacidade crítica do aluno” (*Idem*, p. 30) sem incluir efetivamente o Parnasianismo nas reflexões.

O primeiro capítulo que aborda o Parnasianismo é o 25 – “A linguagem do Realismo, do Naturalismo e do Parnasianismo”. Logo na primeira página, uma brevíssima introdução situa os três movimentos historicamente. Sobre o Parnasianismo, lê-se nas linhas finais: “[...] é um retorno da poesia ao estilo clássico, abandonado pelos românticos.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 224). Simples, mas apropriado.

Algumas páginas depois, após apresentar ao aluno a linguagem realista e naturalista, os autores pedem que seja feita a leitura do soneto “Vaso Chinês”, de Alberto de Oliveira, e “Profissão de fé”, de Olavo Bilac. Embora não esteja apontado no livro, o extenso poema de Bilac aparece privado de 21 de suas 31 estrofes. Ao lado do soneto, uma caixa apresenta o comentário de Oswald de Andrade já lembrado. Alberto de Oliveira é anunciado como o poeta mais bem enquadrado nas propostas parnasianas, e o poema de Bilac, como a plataforma teórica da escola literária (*Idem*, p. 233).

Os exercícios que seguem a leitura dos poemas comparam a linguagem parnasiana – “cultura, difícil e sofisticada” – com a romântica – “simples, direta e comunicativa”. Outros citam versos e pedem que se analise os princípios da estética encontrados neles e vice-versa. Percebe-se um esforço para que o aluno chegue às suas próprias conclusões. Contudo, outras caixas explicativas aparecem próximas aos exercícios e condicionam as respostas. Não é explicado porque o movimento se constituiu nas características citadas. Há apenas menções ao Positivismo e outras correntes científicas da época, cabendo ao professor reorientá-las quando possível.

No capítulo 35 – “O Parnasianismo no Brasil” – novamente o movimento é contextualizado historicamente, de maneira mais densa, agora. Características já apresentadas misturam-se a referências à origem do termo Parnasianismo, a fatos como a Batalha do Parnaso e

⁴ O endereço de algumas páginas foi recuperado com o auxílio de ferramentas de busca.

uma lista de endereços da internet onde é possível ler e baixar poemas parnasianos.

O texto avança e aprofunda-se na vida e obra de Bilac, considerando-o “o mais bem acabado poeta parnasiano brasileiro.” e que a sua obra não seguiu à risca os preceitos “excessivamente formalistas” (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 305) defendidos pelo próprio poeta em “Profissão de fé”. O soneto “Vila Rica” vem em seguida, acompanhado do seguinte comentário: “[...] um poema que consegue unir técnicas de construção a um rico conteúdo histórico – qualidades que nem sempre foram alcançadas pelos parnasianos”, pois há sugestões ao “sofrimento amoroso de Marília e Dirceu e dos inconfidentes mineiros” (*Idem*, p. 306). Neste trecho, é visível que características incomuns ao movimento são elevadas, em detrimento das intrínsecas a ele. Em seguida, o soneto XIII de *Via láctea*, reunião de sonetos com clara influência romântica, é apresentado com exercícios que pedem a comprovação dessa influência.

“As Pombas”, de Raimundo Correia, é “um bom exemplo das qualidades técnicas do autor como sonetista” e chamam atenção para a linguagem fluida e natural (*Idem*, p. 308). No soneto de Correia não se percebe a elevada elaboração vocabular e, para Cereja e Magalhães, isso qualifica o soneto positivamente. Mais três poemas são apresentados, na seção *Antologia*. Sugere-se que os alunos leiam por prazer ou debatam em sala de aula os seguintes: “A um poeta” e “*Nel mezzo del camin...*”, de Bilac, e “Vaso grego”, de Alberto de Oliveira, acompanhado do seguinte comentário:

Enquanto se travavam as lutas pela Abolição e pela República, Alberto de Oliveira afirmava: “Eu hoje dou a tudo de ombros, pouco me importam paz ou guerra e não leio jornais”. Distante então dos problemas sociais, pôs-se a descrever vasos gregos e chineses. (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 309).

Em suma, *Português: linguagens* apresenta uma síntese comprometida do movimento, em razão da manifestação discreta do preceito. Os exercícios, elogiados pela cartilha do PNLEM, nem sempre permitem a livre reflexão do aluno, ora condicionando-a, ora não exigindo reflexão. A cartilha alerta que o professor deve se aprofundar na leitura interpretativa dos textos literários, que são um pouco superficiais (BRASIL, 2008, p. 32).

Curiosamente, o segundo livro analisado é também o segundo resenhado pelo PNLEM⁵. Entre os comentários, importam para este trabalho os seguintes: “A obra é sólida na abordagem do ensino de literatura [...]”, com “[...] enfoque consistente, embora conservador [...]” (BRASIL, 2008, p. 33). “A clareza expositiva é outro traço digno de nota na obra” e “As escolhas textuais são boas, bem como a atenção conferida aos elementos intrínsecos da expressão literária” (*Idem*, p. 38).

Como elemento saliente da opção metodológica do livro, ressalte-se o constante e proveitoso recurso a quadros da pintura europeia e brasileira, como forma de introdução ao estudo das correntes estéticas. Essas são organizadas de forma sistematicamente clara, pontual e sucinta, e se vêem exemplificadas em textos que fornecem uma razoável amostragem de obras representativas da evolução literária no Brasil. (*Idem*, p. 39).

O aspecto salientado comporta-se de maneira distinta no livro de Cereja e Magalhães, onde a contextualização desses quadros fica por conta do professor e/ou do aluno. Em relação às obras elencadas, há elementos de confluência entre os dois livros didáticos. “Profissão de fé” e o soneto XIII de *Via Láctea* – nomeado “Via Láctea” –, de Olavo Bilac, e “Vaso chinês”, de Alberto de Oliveira, aparecem nas duas obras.

No único capítulo dedicado ao Parnasianismo, 17 – “O Parnasianismo no Brasil”, a poetisa Francisca Júlia abre alas com “Musa impassível”, seguida de um intrigante fragmento de Otto Maria Carpeaux:

Francisca Júlia é o exemplo da efemeridade das glórias que o Parnasianismo criou: famosíssima na época, por ter realizado plenamente o ideal da impassibilidade, está hoje tão esquecida que é difícil encontrar-lhe as edições originais das obras. Mas não merece esquecimento completo. (CARPEAUX, 1971 *apud* AMARAL, 2003, p. 188).

Exercícios visando à detecção de elementos da estética são apresentados em seguida, no mesmo molde do livro anterior. Enquanto o primeiro, porém, opõe Romantismo e Parnasianismo de forma que privilegia o Romantismo, o contrário acontece no segundo. No primeiro, o exercício faz dialogar as duas estéticas, adje-

⁵ A equipe do PNLEM resenhou a segunda edição renovada e dividida em três volumes. Este trabalho utilizou a segunda edição em volume único. Os comentários selecionados podem ser aplicados em ambas as edições.

tivando-as. Em *Novas palavras*, a “musa impassível” é considerada antirromântica, apenas. Dito isso, outro fragmento interessante encontrado vale a pena ser reproduzido.

Quando surgiram as primeiras ideias modernistas no país, [...] [o Parnasianismo] foi identificado com o nosso “passadismo” literário, a nossa tendência artística academicista, conservadora e cosmopolita, que era necessário demolir. Precisamos conhecê-lo melhor, inclusive para relativizar este estereótipo de puro reacionarismo. (AMARAL, 2003, p. 189)

Os autores mostram acima uma visível preocupação com a quebra de estereótipo, ao proporem uma leitura crítica também da reação modernista ao Parnasianismo. O discurso do livro, todavia, contradiz essa preocupação. Mais adiante, lê-se que o estilo parnasiano desprezou o assunto em detrimento da supervalorização da forma, produzindo uma poesia alienada da vida, refugiada no mundo clássico, fechada no academicismo de seus domínios exclusivamente estéticos (*Ibidem*).

A leitura, repetitiva em alguns momentos, faz referências aos centros irradiadores das ideias modernas, como a Faculdade de Direito de Recife, liderada por Tobias Barreto, e ao processo de oficialização do papel do escritor, fenômeno que havia dado seus primeiros passos no movimento romântico (GIL, 2006, p. 19-20).

O estudo dos principais autores e obras começa por Bilac. Quando se refere às suas obras puramente parnasianas, os autores consideram-na superficial. Quando citam suas confluências românticas, não manifestando opinião. Um fragmento de “Profissão de fé” com seis estrofes vem em seguida, com um exercício. O poema é o único que não vem acompanhado de uma análise em forma de comentário, em virtude de ser considerado um metapoema e servir de ratificação das características listadas.

Leituras comentadas de “Ora (dizeis), ouvir estrelas!”, “Vaso chinês” e “A cavalgada”, de Raimundo Correia, são apresentadas sem juízo de valor, explorando apenas o campo semântico do poema. Questões de vestibulares revisam superficialmente o conteúdo.

Por outro lado, há *boxes* que acompanham os poemas ou que os precedem que introduzem Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. A poesia deste é vista como sendo dotada de falsa profundi-

dade. Elogios são tecidos às suas obras que atingiram tom subjetivo, o que novamente reitera o preconceito conta o Parnasianismo.

O saldo final, destarte, é um livro contraditório. A sólida e consistente abordagem literária notada pelos avaliadores do PNLEM não se fez presente, pelo menos não no capítulo analisado. Os exercícios não são tão enviesados quanto em *Português: linguagens*, mas seu número reduzido, e limitado somente a “Profissão de fé”, culmina no não aproveitamento total dos outros poemas, cujas análises já vêm prontas e não são construídas com os alunos.

Ambos os livros listam apenas características do movimento literário, sem explicar o porquê de cada uma delas. A análise do movimento é, portanto, tão superficial quanto eles acusam os parnasianos de ser. E a influência da ruptura modernista ainda se faz veemente.

Fernando Cerisara Gil, em seu livro *Do encantamento à apostasia*, elucida vários pontos do movimento, aprofundando, por exemplo, a questão do papel do escritor, apresentado, mas não desenvolvido em *Novas palavras*. Ele explica o distanciamento linguístico e o isolamento do poeta como uma atitude de proteção. Acostumados a um público deficitário e filisteu, esses poetas optam por antagonizá-lo ou negá-lo. E articula esse isolamento do poeta e da poesia a toda a produção poética brasileira:

A evasão do mundo histórico e a conseqüente criação de um espaço idealizado onde a poesia possa ser dita parecem ser uma constante da poesia brasileira, do arcadismo ao romantismo, sem deixar de sê-lo também do primeiro momento do modernismo, com suas imagens míticas do Brasil. (GIL, 2008, p. 49).

estabelecendo, assim, um diálogo com outras estéticas que é tão caro aos autores de obras didáticas, sem, contudo, comprometê-las.

A própria Academia Brasileira de Letras representa esse ideal de evasão, e ela sobrevive até hoje como a torre de marfim dos literatos. É incompreensível então o destrato para com a escola parnasiana. É possível ensiná-la de maneira atualizada e dialógica, tão defendida pelos *Parâmetros curriculares nacionais*. Mas para tal, é preciso que os autores de livros didáticos, conscientes do papel que sua obra tem no panorama educacional brasileiro, desçam de sua própria torre de marfim, enclausurados que estão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Emília *et al.* *Novas palavras*: português, volume único. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.
- BARROS, Fernando Monteiro de. *A poesia brasileira do fim do século XIX e da Belle Époque*: Parnasianismo, Decadentismo e Simbolismo. *Soletras*. São Gonçalo: UERJ, ano 9, n. 17, p. 16-27, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/17/02.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Língua portuguesa*: catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/index.php/downloads/pnld/1999-catalogolinguaportuguesapnlem>>. Acesso em: 18/07/2010.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura*: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. *Português*: linguagens. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005. v. 2.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- GIL, Fernando Cerisara. *Do encantamento à apostasia*: a poesia brasileira de 1880-1919. Curitiba: UFPR, 2006.
- GIRON, Luís Antônio. Entrevista: Harold Bloom. *Época*. São Paulo: Globo, n. 243, 03/02/2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT479197-1666-1,00.html>>. Acesso em: 22/07/2010.
- PITA, Luiz Fernando Dias. A rara confluência do esquecido Parnasianismo. *Soletras*. São Gonçalo: UERJ, ano 3, n. 4, p. 87-100, jan./jun. 2003. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/soletras/index.htm>>. Acesso em: 15/07/2010.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios, e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.